PÉ NA ESTRADA: UMA ETNOGRAFIA DA CIRCULAÇÃO TRANSNACIONAL DE PEREGRINOS

Ceres Karam Brum[1]

Resumo: Neste texto desejo apresentar algumas reflexões sobre o Caminho das Missões e o Caminho de Santiago de Compostela, explorando as possibilidades de realizar uma etnografia comparada entre os dois caminhos. Para tanto, pretendo utilizar um conjunto de observações efetuadas sobre estas peregrinações a partir de dados etnográficos relativos ao Caminho das Missões, obtidos em 2003, e Caminho de Santiago, em 2004. Também desejo enfocar momentos mais recentes relativos às experiências etnográficas citadas: os processos de elaboração e as significações das redes de *peregrinos* em um grupo de caminhada, observados na região de Santa Maria, entre 2006 e 2008, a partir de minha trajetória pessoal em observação participante.

Palavras-chave: Etnografia, peregrinações, circulação transnacional

Abstract: In this paper I aim to present some reflections about the Road of Missions and the Road of Santiago of Compostela, making an ethnographic comparison between the two Pilgrimages. Doing that, I intend to utilize my observations about these both pilgrimages from ethnographic data elaborated when I did fieldwork in the Road of Missions in 2003, and in the Road of Santiago of Compostela in 2004. I also aim to focus more on recent moments related to that mentioned ethnographic experiences: the process of elaboration and the significations of *pilgrims* webs observed in a walking group, in the city of Santa Maria (southern Brazil), between 2006 and 2008, from my own personal trajectory on participant observation.

Keywords: Ethnography, pilgrimage, transnational circulation

ADENTRANDO O CAMPO

O contato inusitado com peregrinações ocorreu em abril de 2003, durante as atividades do tradicional pacote turístico Circuito Internacional

[1] Doutora em Antropologia Social, professora do departamento de Ciências Sociais e do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

das Missões, que estava observando, como parte dos trabalhos de campo de minha tese de Doutorado sobre as representações contemporâneas do passado missioneiro (Brum, 2006). Este passado colonial vem sendo representado de forma plural, dentro e fora da região missioneira do estado do Rio Grande do Sul, com um destaque preponderante para os variados pacotes turísticos que lá se desenvolvem em alguns dos sítios arqueológicos das Missões, que atualmente se constituem em patrimônio nacional e mundial da humanidade.[2]

Foi neste contexto de troca entre o passado missioneiro interpretado e o presente interpretante que me deparei com a sede do Caminho das Missões, localizada na praça central de Santo Ângelo (cidade polo turístico da região). Surpreendida com a novidade da proposta turística de peregrinação, agendei minha caminhada para os dias 10-17 de maio de 2003.[3]

Durante a peregrinação, percebi que o Caminho das Missões fazia parte dos muitos caminhos espalhados pelo mundo. Neste sentido, em maio de 2004, após concluir meu estágio de *Doutorado sanduíche,* em Paris, percorri os 778Km entre Saint-Jean-Pied-de-Port (França) e Santiago de Compostela (Espanha), com o intuito de entender as menções dos peregrinos das Missões. Constatei uma aproximação dos dois caminhos em termos dos pertencimentos acionados na construção das identidades dos peregrinos e da simbologia utilizada e certo distanciamento com relação ao turismo, as relações estabelecidas com a história e a estrutura dos mesmos.

Este texto é uma interlocução entre ambos os caminhos, baseada na minha participação pessoal em observação participante, quando eu me

[2] A experiência missioneira platina, também denominada Os Trinta Povos das Missões, ocorreu durante os séculos XVII e XVIII, nos territórios atuais do Rio Grande do Sul, Paraná, Argentina, Uruguai e Paraguai. Conforme a tese de Meliá (1978) os jesuítas, a serviço da monarquia espanhola, através da leitura de elementos do *ethos* dos habitantes originários guarani, conceberam as Missões baseadas no catolicismo, na fidelidade ao rei e aos valores coloniais,

[3] Adquiri o pacote ao preço de R$ 490,00 que incluía: palestra sobre o passado missioneiro e Caminho das Missões, camiseta, cajado e cruz missioneira, traslado Santo Ângelo/São Nicolau; refeições e hospedagem durante os seis dias e almoço de encerramento em Santo Ângelo. O valor atual do pacote não está informado no site.

tornei peregrina, como pressuposto antropológico para tentar entender as peregrinações. Estas observações possibilitaram-me, anos depois, perceber a construção de redes de peregrinos através da inserção em um grupo de caminhadas – a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Santa Maria –, onde boa parte das pessoas que participa das caminhadas foi ou pretende peregrinar no Caminho de Santiago e algumas já participaram do Caminho das Missões.

A proposta de reflexão sobre etnografia comparada, que perpassa este texto, aflorou dos desdobramentos ocorridos nos trabalhos de campo que me levaram para universos plurais que se comunicam ao longo de um percurso. Por outro lado, acredito que peregrinações, sob a perspectiva das subjetividades envolvidas, são igualmente incomparáveis.

Radcliffe-Brown (1951, p. 43) assinala que a comparação em Antropologia Social tem como objetivo "[...] explorar as variedades de formas da vida social como base para o estudo teórico dos fenômenos sociais humanos". Meu propósito é bem menos ambicioso: o que desejo mostrar, com a impossibilidade de comparação *substancial* destas peregrinações no que concerne ao poder de generalização de uma etnografia comparada é sublinhar a afirmação do particular em seu *substrato* que se desdobra, transforma, abre em labirintos e complexifica, apenas possível ao se deixar levar pela *ilusão* de comparar.

Entendo cada caminho como uma peregrinação ímpar que deve ser pensada a partir da proposta que encerra, das motivações de seus participantes e do espaço percorrido, como um *processo social*, só perceptível através de estudos comparativos que mostrem: "[...] pilgrimage process not only as day exist at a given time, but also as they have changed over time, and of the relations into which diferent pilgrimage process have entered in the course of the massive stretches of time" (Turner, 1974b, p. 166).

Tendo como presente o paradigma em que se constitui o Caminho de Santiago de Compostela, como já demonstraram Steil e Carneiro (2008), meu exercício de tentar comparar dois caminhos tão diferentes me levou a refletir sobre as imbricações dos momentos pessoais vividos quando das inserções em campo e os conceitos utilizados para a análise dos modos de ser peregrino e das caminhadas.

As representações produzidas pelos peregrinos caracterizaram os caminhos como relacionadas ao multiculturalismo, ao turismo, à religião e à alteridade no mundo contemporâneo, numa construção de identidades forjada a partir da passagem também presente nas caminhadas. O território é acionado como espaço percorrido e os lugares de memória, para Ricoeur (2000), são fixados através do imaginário construído pela memória coletiva peregrina, que se nutre das histórias dos peregrinos, de lendas e mitos locais, de *sites* e de discursos turísticos, entre outros.

Comparar os dois caminhos me fez, como sugerido em algumas motivações expressas das pessoas com quem convivi, "[...] refletir sobre a própria trajetória". No meu caso, uma reflexão sobre o percurso da produção de uma antropologia calcada na região para adentrar em um universo de circulação transnacional. Quando observei o Caminho das Missões, a princípio, *buscava* elementos de afirmação de identidades regionais, alicerçados em uma experiência colonial comercializada pela empresa turística. No Caminho de Santiago, a relação com o passado *católico* acionado pelos peregrinos estava permeada por múltiplas identidades sobrepostas: uma conjunção fascinante de ideias, pessoas, símbolos e lugares, que se descortinava.

Esta experiência pode ser contemplada pela ideia da circulação transnacional dos peregrinos, sua religiosidade e suas redes que se estruturam ao peregrinarem em diferentes caminhos espalhados pelo mundo e participações em associações do Caminho de Santiago, por exemplo.

A circulação transnacional, para Hannerz (1990, p. 259), caracteriza-se pela comunicação das pessoas com uma pluralidade de grupos e culturas, no contexto de uma cultura global assinalada por organismos de diversidade. Para o autor, as pessoas que circulam internacionalmente formam grupos separados de relacionamentos sociais com vieses ocupacionais. A ideia da circulação transnacional de peregrinos surgiu da comunicação de ideias, símsímbolos, pessoas e representações que observei nas peregrinações cruzada à afirmação das identidades coletivas dos peregrinos como grupo.

PÉ NA ESTRADA. A CAMINHO DAS MISSÕES PASSANDO POR SANTIAGO DE COMPOSTELA[4]

A peregrinação ao Caminho das Missões é definida pela empresa promotora do mesmo nome como "[...] um roteiro místico/cultural de pesquisa, lazer ou esporte, que percorre os trajetos que ligavam as Missões Jesuíticas" (Guia do Peregrino, 2003, p. 5). Trata-se de uma leitura calcada na produção de um conjunto de representações com fins turísticos, desenvolvida na região das Missões, a partir da interpretação de alguns aspectos atribuídos a este passado para oferecê-los aos peregrinos como o projeto Caminho das Missões.

A permanência de elementos jesuítico-hispano-guaranis na história da região é significada de diversas formas. Alguns aspectos são representados por historiadores e pela memória coletiva como uma *mescla* de elementos jesuíticos-guarani. É justamente através da recepção e formatação de representações historiográficas e literárias, como sugere Robin (2003), ao referir-se aos processos de produção cultural de uma memória como discurso performático que visa a vender o passado interpretado, que o Caminho das Missões constroi e comercializa o projeto de peregrinação turística que se desenvolve no espaço dos Sete Povos das Missões:

> O encontro de duas culturas diferenciadas, a guarani e a europeia, deu origem a um novo modo de ser, o *missioneiro* desenvolvido com base em uma rígida organização social e econômica que se destacou no contexto colonial. A originalidade da cultura guarani, alicerçada no solidarismo e reciprocidade, encontrou nas inovações técnicas trazidas da Europa, como a escrita, imprensa, metalurgia, arte e arquitetura barroca, as condições ideais para o grande desenvolvimento alcançado. (Guia do Peregrino, p. 5).

[4] Agradeço ao prof. Ruben Oliven a sugestão da expressão *A caminho das Missões passando por Santiago de Compostela,* efetuada durante a produção da minha tese de Doutorado, sob sua orientação, como título para apresentação do Seminário de Doutorado de 2004, no PPGAS-UFRGS. Agradeço também a interlocução de Rosana Pinheiro Machado e Gentil Corazza, na elaboração deste texto.

A concepção do modo missioneiro de ser, como peculiaridade da região, constitui-se no produto comercializado pela empresa turística desde o ano 2000. O aproveitamento desses aspectos é global. Ocorre através da apropriação do espaço missioneiro das estradas e dos sítios arqueológicos tombados como patrimônio nacional e mundial da humanidade. Das atrações da região, em relação ao seu imaginário mítico-religioso, sua gastronomia, entre outros aspectos, que compõem *um modo missioneiro de ser* percebidos pela empresa promotora como um conjunto de características identitárias forjadas ao longo do processo histórico da região.

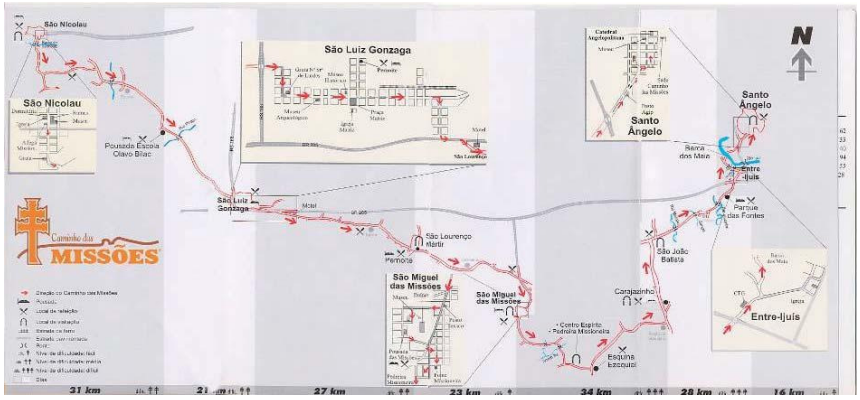


Figura 1 – Mapa do trajeto do Caminho das Missões.

O Caminho das Missões[5] inicia com a recepção dos peregrinos pela empresa promotora em Santo Ângelo, seguida pela palestra de abertura e distribuição do Guia do Peregrino, onde constam informações gerais sobre o trajeto e os aspectos da cultura e da história da região. Possui um *site* em que assinala a necessidade do preparo físico e dos equipamentos adequados como indispensáveis à peregrinação.

[5] Dados relativos à modalidade de 7 dias (189Km). O Caminho das Missões foi recentemente ampliado para 13 dias, englobando a cidade de São Borja (o primeiro dos Sete Povos das Missões, fundado em 1682). A peregrinação também pode ser feita em 7 ou 3 dias, em trajetos menores e mesmo individualmente, conforme expressa o site www.caminhodasmissoes.br Acesso em 09 de jan. 2009.

Nas apresentações do grupo, conheci pessoas de diversos lugares do Brasil, todos com mais de 40 anos, e muito experientes em termos de caminhadas de longas jornadas.[6] Sob esta perspectiva, a participação majoritária do grupo no Caminho das Missões se insere em um contexto mais amplo – o ser peregrino, caracterizado por Steil e Sá: "[...] o rótulo de "moderna", parece revitalizar o fenômeno da peregrinação não só como experiência religiosa, de um lado, mas também como expressão cultural (turística), de outro" (2008, p. 2).

No Caminho das Missões, este contexto é representado por relações de identidades e pertencimentos de todos e de cada um com sua proposta, a partir de uma dialética que os trazia às Missões por diversas razões estreitamente relacionadas ao fato de se perceberem como peregrinos em busca de novos caminhos. Foi através desta tensão, incluindo as características do trajeto e do clima, as condições do Caminho (em termos de hospedagem e alimentação), o condicionamento físico de cada um, as relações interpessoais entre o grupo e as pessoas da região, que as relações estabelecidas com as Missões e o seu passado, pelo grupo de peregrinos, constituíram-se.

O Caminho de Santiago (Toro; Lobato, 1999) é uma rota de peregrinação iniciada no século IX, no lugar onde acredita-se que estejam enterrados os restos de Santiago. Segundo a tradição peregrina, após a dispersão dos apóstolos de Cristo pelo mundo, Tiago foi pregar em regiões distantes, passando

[6] 13 pessoas participaram dos 7 dias de caminhada: Valderes, Alice, Antonio, Vera e Gustavo, de Brasília; Oswaldo e Maria Luiza, de Campinas; Elísio, de Belo Horizonte; Vera e Carmem, de Santa Maria; João, de Canoas; e uma senhora de Caxias. Destes, 5 já haviam feito o Caminho de Santiago e apenas uma pessoa faria sua primeira caminhada – além de mim, naturalmente. Elísio, em 10/05/2003, informou-me sobre alguns caminhos brasileiros mencionando seus sites para consulta e sobre as associações regionais e nacionais existentes, citando os caminhos: da Fé; do Sol; da Luz; Os Passos de Anchieta; Estrada Real www.caminhodafé.com.br; www.caminhodosol.com.br; www.carangola.com.br; www.abapaorg.com.br;www.estradareal.org.br, a Associação Caminho de Santiago de Compostela www.caminhodesantiago.com.br e a Associação de Peregrinos de Belo Horizonte: www.bhgrino.com.br João, Carmem e Vera mencionaram a existência de um caminho na região da Quarta Colônia próximo a Santa Maria, RS, de que participaram no carnaval de 2003. (Diário de campo).

algum tempo na Galícia. Ao retornar à Palestina, foi preso e decapitado e o seu corpo foi jogado para fora das muralhas de Jerusalém. Seus discípulos Teodoro e Atanásio transportaram de barco seus restos de volta ao ocidente e os enterraram secretamente em *Líbredon* – bosque próximo à cidade de Iria Flávia, na costa oeste espanhola. O termo Compostela, do latim campo de estrelas, advém da descoberta do local do túmulo, oito séculos depois, a partir de escavações coordenadas pelo bispo da Iria Flávia, Teodomiro, após ter sido avisado pelo ermitão Pelágio que observou durante várias noites a *chuva de estrelas* sobre um ponto do bosque. O local passou a ser considerado como sagrado pela Igreja Católica, originando o Caminho de Santiago.

As peregrinações à Santiago de Compostela atingiram seu ápice entre os séculos XII e XIII. Os peregrinos atravessavam a Europa, através de diversos caminhos, que conduziam a Compostela, para alcançar suas graças individuais e familiares ou a serviço de nobres que custeavam as peregrinações. A cidade cresceu em torno da igreja dedicada a São Tiago e a devoção se espalhou e popularizou pelo mundo por onde pipocam associações dos amigos de Santiago, com o intuito de disponibilizar informações e facilitar intercâmbios entre os peregrinos e acesso ao caminho.





Figuras 2 e 3 – Maison du Brésil, Paris e Saint-Jean-Pied-de-Port. Ponto inicial do Caminho de Santiago, em maio de 2004.
Fotos da autora.

Na atualidade, embora não haja um local pré-estabelecido, os peregrinos que optam por fazer o Caminho Francês costumam partir próximos

à fronteira da França com a Espanha, Saint-Jean-Pied-de-Port, Roncesvaux ou Pamplona. Cerca de 20.000 pessoas por ano peregrinam pelo norte da Espanha, podendo este número triplicar nos anos Jacobeos.[7] O caminho é organizado para possibilitar a circulação dos peregrinos, que são tratados de forma especial ao serem identificados por sua indumentária, ao cruzarem os tortuosos caminhos que cortam a Espanha de leste a oeste.

O peregrino, antes de iniciar o trajeto, deve providenciar a sua credencial que lhe permitirá o acesso a albergues, (pagos ou mantidos pelas doações dos peregrinos), e por *hospitaleros*. No Caminho de Santiago, é possível pensar, duplamente, sobre a construção de uma estrutura que incentiva os peregrinos e na liberdade de cada um de construir o seu próprio caminho em termos de tempo e condições físicas:

> Parti de trem da Gare d'Austerlitz, em Paris, na noite de 30/04/2004, após concluir o meu estágio de doutorado na École de Hautes Études en Sciences Sociales. A decisão de fazer o Caminho de Santiago foi tomada com o incentivo de minha supervisora de estudos na França, após a sugestão da banca de qualificação de doutorado, em agosto de 2003, ao discutir os dados que apresentei sobre o Caminho das Missões.
> Nos sete meses que vivi na França residi na Maison du Brésil, que considero um território brasileiro em Paris. Lá vivi uma experiência de desterritorialização de identidades, no sentido de sair do Brasil para "tornar-me cosmopolita" e vivenciar "o local" via afirmação de identidades nacionais brasileiras, em festas e no quotidiano dos residentes da *Maison*. Etnografar o Caminho de Santiago significou uma ruptura plena com o meu universo. Literalmente, eu não possuía mais casa. Deixei minhas coisas embaixo da cama de meu namorado e despachei meus livros. Pus a mochila nas costas e parti.
> Na *gare* encontrei várias pessoas sozinhas e pequenos grupos de peregrinos. Muitos vinham da Alemanha, como percebi em Bayonne, no café da manhã.

[7] Os anos Jacobeos são os anos santos e foram instituídos em 1221 pelo papa Calixto. Ocorrem quando o dia dedicado a Santiago, 25 de julho (dia em que as relíquias foram achadas por Teodomiro) cai num domingo. Este foi o caso de 2004. Nos anos santos, a Porta Santa ou do Perdão da Catedral de Santiago de Compostela permanece aberta. Os dados sobre o fluxo de peregrinos foram encontrados em www.caminhodesantiago.br. Acesso em 30 de agosto de 2004.

> Lá tomamos outro trem que nos conduziu a Saint-Jean-Pied-de-Port onde me registrei como peregrina no *Accueil* francês, pagando dois Euros por minha credencial. Iniciei sozinha a travessia dos Pirineus. Foram os 28Km mais difíceis da minha vida. Frio, chuva, montanhas intermináveis, a solidão e a sensação de estar sendo sugada pela natureza à minha volta. Cheguei em Roncesvalles, às 17 horas, após 8 horas de caminhada, seguindo (quase imperceptíveis) setas amarelas e traços brancos e vermelhos que sinalizavam o caminho. (Diário de Campo, Notas sobre o caminho de Santiago).

A entrega da cruz missioneira e do cajado marcam ritualmente o começo do Caminho das Missões:

> Pessoal, a cruz missioneira é feita em cedro que é uma madeira macia. Ela é feita por um artesão. Nós não comercializamos. Cada um ganha a sua. Se perder ou não quiser carregar a sua cruz é uma coisa muito pessoal. A gente entrega. Ela fica um talismã prá vocês, cada um tem a sua religião e acreditando que Deus está no coração de vocês, desejando a vocês uma boa caminhada e até breve! (Diário de Campo)
>
> .....
>
> A cruz missioneira é o símbolo místico da região. Esta é uma cruz episcopal que teve origem na Idade Média utilizada pelos cristãos nas cruzadas. Também teve grande importância entre os Cavaleiros Templários. Os jesuítas trouxeram para a região a cruz de Caravaca (localidade da Espanha) que acabou tomando características próprias sendo conhecida como cruz missioneira. A população católica personifica nos dois braços a fé redobrada. (Guia do Peregrino, 2003, p. 7)

A produção e recepção da simbologia cristã remetem à religiosidade. Esta simbolização pode ser pensada em termos de uma dupla apropriação, tanto pela agência promotora quanto pelos peregrinos na conformidade de utilização dos símbolos que passam a portar. Um paralelo com o caminho de Santiago de Compostela remete à lenda da chegada da barca que conduzia Santiago a Padrón na sua pregação à Galícia. As *vieiras* (conchas) são

penduradas nas mochilas dos peregrinos e se integram a outros símbolos que os identificam.

Nas Missões, a cruz de dois braços é associada à história da região. Sua utilização, como símbolo de evangelização, remete à atuação dos próprios padres jesuítas, ensejando uma série de sentidos relacionados à boa atuação do cristianismo. No Caminho das Missões, a cruz de dois braços, que representa a fé redobrada do povo *missioneiro*, transforma-se em símbolo místico protetor dos peregrinos que a aceitam e incluem em sua indumentária:

> Durante o Caminho de Santiago, em Puente de la Reina, conheci alguns peregrinos da região da Múrcia, que identificaram a cruz de dois braços de minha camiseta com a cruz de Caravaca. Encontrei a cruz de dois braços esculpida em Torres del Rio, no prédio onde funciona um centro de informações, em que foi referida como a cruz dos templários. Juan (peregrino da Múrcia) no caminho entre Najera e Santo Domingo de la Calzada contou-me que Caravaca é percebida além de Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela como um lugar sagrado para os católicos, porque a cruz de dois braços existente possui lascas da cruz de Cristo. (Diário de Campo, Notas sobre o Caminho de Santiago).





Figuras 4 e 5 – A viera em um prato típico de Santo Domingo de la Calzada (*Aborcadito*) e a Cruz de dois braços em Torres del Rio. Caminho de Santiago, em maio de 2004. Fotos da autora.

Para Hervieu-Léger (1999, p. 99), a peregrinação é uma forma de religiosidade contemporânea, individual, móvel, dinâmica e utópica, cuja prática

envolve um leque vasto e liminar de motivações subjetivas em relação ao pertencimento a uma comunidade. As motivações e os sentidos construídos acerca das Missões e percorrer o caminho não são externadas espontaneamente. São pouco objetivadas, múltiplas, construídas e transformadas ao longo da peregrinação. Como também observei no Caminho de Santiago, o "ser surpreendido pelo caminho" e a reflexão sobre uma guinada radical, uma decisão a ser tomada pode se constituir em motivação para prosseguir ou iniciar uma peregrinação.

Essa pluralidade de motivações se relaciona à configuração e ao reconhecimento de um trajeto como sagrado e a um espaço tradicional, conduzindo à ideia de passado/história e as relações de comemoração e/ou de crítica que, segundo Habermas (1990, p. 237), com ele se estabelece. Relações que, por sua vez, remetem à construção das identidades grupais e à construção de si.

As motivações para percorrer o Caminho das Missões, além de questões religiosas, também se referem ao interesse pela história da região e à sua diversidade cultural. A possibilidade de revificação deste passado ocorre através da visitação desses vestígios como atividade de "peregrinação" que, por sua vez, relaciona-se a processos identitários da construção da própria definição do que é ser peregrino e estar nas Missões em contato com o modo de ser missioneiro e sua recepção. Também se constitui em motivação para peregrinar nas Missões, a curiosidade pelo exótico percebida através de perguntas sobre a permanência dos índios guaranis próximos aos povoados e sobre os costumes gaúchos. Esse interesse/abertura para conhecer *o outro* aproxima o peregrino das Missões do turista, pois a peregrinação é motivada pela curiosidade de conhecer a região e interagir com ela.



Figura 6 – Capa e contracapa do Guia do Peregrino do Caminho das Missões

Nas Missões, a linguagem é pontuada por termos regionais. Na visita que fizemos a São Nicolau, este foi mencionado pelo guia como *a primeira querência do Rio Grande,*[8] criada em 1626, correspondendo, assim, sua fundação ao Primeiro Ciclo Missioneiro no Rio Grande do Sul, conforme Quevedo (2000) e não como do Segundo (ocasião da fundação dos Sete Povos das Missões). São Nicolau foi fundado, em 1687, em local diverso, mas muito próximo ao de sua primeira fundação de 1626. A apropriação efetuada pelo turismo oferecido no Caminho das Missões com relação a São Nicolau advém do fato de o município possuir vestígios arqueológicos do Segundo Ciclo.

No certificado de hospede oficial do município de São Nicolau, conferido aos peregrinos das Missões, há uma gravura do *Passo do Padre*, designação atribuída ao local onde Roque Gonzáles, em 1626, rezou a primeira missa, com os seguintes dizeres: "[...] aqui nasceu o Rio Grande em 03 de maio de 1626". Não há vestígios arqueológicos que atestem o local da primeira fundação de São Nicolau ou o da primeira missa. O Passo do

[8] Querência ou querença é "o lugar onde alguém nasceu, se criou ou se acostumou a viver, e ao qual precisa voltar quando dele afastado; é o local onde habitualmente o gado pasta ou onde foi criado; pátria, pago, torrão, rincão, lar". (Nunes, 1993, p. 409).

Padre foi concebido como um espaço de comemoração do passado pela administração do município que utiliza essa relação com a primeira querência e constrói um espaço a ser comemorado,

Esta exaltação ocorre a partir da terra como um lugar de memória das Missões, não havendo em termos da apropriação uma diferença entre os dois Ciclos Missioneiros para a estruturação de São Nicolau, que percebe e os trabalha em termos de continuidade com presente, tendo a intenção de construir um imaginário abarcador de diversos momentos, relacionando passado e presente: 1626, fundação; 1687... edificações; 2003, turismo inter-relacionando e aproveitando os dois momentos passados.

Não é o momento de fundação que está sendo levado em consideração como diacrítico, na construção das identidades missioneiras, em São Nicolau, mas o espaço, havendo uma proposta de comemoração na forma de sua enunciação. Ao designar-se como Primeira Querência, São Nicolau se representa como local de nascimento do Rio Grande do Sul e como lugar originário do gaúcho,[9] demonstrando uma circularidade entre o imaginário regionalista e o imaginário político veiculado pelo guia.

Por seu turno, o projeto turístico, Caminho das Missões, que se coloca como *de encontro* às necessidades de desenvolvimento do município, não aborda as contradições mencionadas em termos históricos, deixando a cargo dos municípios a construção e divulgação da sua visão de história. O turismo situa-se como oportunizador do contato com a diversidade regional que veicula e explora o modo de ser missioneiro, deixando sua interpretação em aberto.

As relações estabelecidas com o *típico* pelos peregrinos no Caminho das Missões ocorrem a partir de sua abertura para o outro, numa tentativa de integração com a situação vivenciada, no rápido contato propiciado pela passagem. No Caminho de Santiago, as relações ocorrem num contexto da unidade nacional espanhola, no espaço de regiões com características

[9] Os versos do poeta regionalista Jaime Caetano Braun ilustram este imaginário: "Nem se fundava o Rio Grande/Nem o lendário Viamão,/O pago era céu e chão, Coxilha várzea e perau,/E o Uruguai dera vau numa apoteose bravia/ E o gaúcho antenascia no velho São Nicolau".

culturais bem sinalizadas, como no caso do País Basco e da Galícia, que possuem línguas próprias, consideradas também como idiomas oficiais.





Figuras 7 e 8 – Sinalizações do Caminho de Santiago, em maio de 2004.
Fotos da autora.

Ao passar por estas regiões, as relações entre o nacional e o regional são perceptíveis nas sinalizações, nas representações da vieira, nas comidas e nos vinhos do menu peregrino.[10] O Caminho de Santiago é uma experiência de múltiplos contatos e interfaces entre peregrinos de diversas partes do mundo – com um grande destaque para a participação de brasileiros – num cenário a um só tempo global, nacional, regional, multicultural, moderno e tradicional caracterizado pela circulação internacional de peregrinos.

Os espanhóis identificam-se duplamente a partir do pertencimento à nação e às regiões da Espanha de onde vêm. Outros peregrinos identificam-se em relação a seus países. Os *quebecoises* assinalam o multiculturaismo, como na fala de Lucy:

> Prendre le temps de reflexir, faire le pèlerinage, voyager et vivre le pays. Le plaisir de partager le multiculturalisme et c'est pas comme le tourisme. Ça permetre mieux de connaitre l'Espagne. (Diario de Campo).

[10] Os vinhos da Galícia são brancos (Ribeiro e Albarino) e podem ser degustados com *pulpo* e pão em Melide, na Pulperia Ezequiel. Em Astorga, comemos o *cosido maragato* e, em Santo Antonio de la Calzada, *aborcaditos* – um doce em forma de vieira cujo nome remete à lenda de um peregrino enforcado que ressuscitou.

O deslocamento é significado a partir da peregrinação como experiência de múltiplos contatos e de reflexão como uma forma de religiosidade, que se diferencia do turismo. A exaltação do multiculturalismo remete a uma busca/desejo de interlocução com o outro e consigo mesmo, através do caminhar. Para Carneiro, uma das forças de atração do caminho de Santiago para os peregrinos está nesta "permanente recriação" e "reinvenção", capaz de incorporar a diversidade do campo católico e mesmo de ressignificá-lo como também de responder a outras demandas "religiosas". (Carneiro, 2007, p. 258).

Esta relação com a diversidade significada como multicultural ocorre também nas relações estabelecidas com os prestadores de serviços ao longo do Caminho de Santiago (e das Missões), buscando oferecer aos peregrinos um espaço exótico e familiar de comercialização[11] de hospedagem, alimentação e *souvenirs*. O deslocamento dos peregrinos permite que se ofereça, nas cidades, ao longo do Caminho de Santiago, a diversidade espanhola que é vivenciada em conjunto e/ou individualmente pelos peregrinos. A dimensão multicultural relaciona-se à pluralidade dessas vivências coletivas na peregrinação. As refeições noturnas nos albergues configuram-se em um bom exemplo neste sentido. Pessoas de diferentes nações e regiões que se encontram por acaso e interagem.

O multiculturalismo cruza-se com a exotização do outro. Durante o Caminho de Santiago, encontrei muitos brasileiros peregrinando a pé ou de bicicleta, identificados pela bandeira nacional ou pelas roupas verde-amarelas. Também me deparei com inúmeras referências ao Brasil pelos peregrinos de outras nações e a pergunta clássica: *Conoces Pablo Coelho?*

[11] Em Castrojeriz, Alberto (peregrino de Campinas) e eu nos deparamos com o Consulado do Brasil. Um restaurante/pousada decorado com motivos brasileiros de propriedade de Tonho e Maria de Jesus. O casal de espanhóis já esteve várias vezes no Brasil, sendo o Consulado: "uno espacio dedicado al Brasil", como mencionaram. Havia fotos de Paulo Coelho, música e comida brasileira. Em Boadilla del Camino, a 26Km de Castrojeriz, fui surpreendida pela música gaúcha. Ao conversarmos, Dudu (um dos responsáveis pelo albergue) mencionou que havia comprado o cd dos Garotos de Ouro, em sua última viagem a Porto Alegre, RS, demonstrando relações mais do que passageiras com o Brasil.

O Brasil é acionado no Caminho como o exótico por excelência e os estereótipos da alegria, da música, do futebol são referidos e vividos por peregrinos e não peregrinos por onde passei. Por causa de Paulo Coelho, que popularizou mundialmente o Caminho de Santiago com o livro *Diário de um Mago*, e pelo grande afluxo de peregrinos brasileiros[12] que o percorrem, o Brasil é homenageado e referendado, numa intencionalidade comercial de *bricolage* entre o exótico do outro (brasileiro) e a produção do típico na Espanha.

Na fricção entre as identidades mostradas e os pertencimentos acionados, os peregrinos se constroem pessoalmente e como grupo, através do caminhar e do estabelecimento de relações com o local, não em identificação com o mesmo, mas com uma perspectiva de alteridade com os demais peregrinos, através do estabelecimento de relações solidárias expressas nos auxílios mútuos, nos medicamentos e nas refeições partilhadas, sem aparentemente esperar contradom (Mauss, 1974). A dádiva circunscreve-se ao doar como aperfeiçoamento espiritual, através da liberalidade e do despojamento espontâneo.[13] Em algumas ocasiões especiais, o contradom se faz presente, como: em momentos de despedidas, para sinalizar laços de amizade e formação de redes:

> Cheguei em Estela sem poder caminhar. Tomei um banho com a sensação de que a peregrinação e a pesquisa estavam encerradas. O medo e a dor tomavam conta de mim. Dormi um sono profundo em um albergue lotado. Lembro apenas que durante a noite alguém se desculpou em espanhol, após movimentar meu saco de dormir. No dia seguinte acordei com alguns ruídos e uma mulher que me olhava com ar de curiosidade. Disse que estava me esperando acordar, pois na noite anterior havia *molestado* e percebido que eu

[12] Em 1995 foi criada, em São Paulo, a Associação Confrades Amigos do Caminho de Santiago de Compostela (primeira do gênero na América Latina que encaminhou, em 1995, 1370 peregrinos a Espanha).

[13] A cerca de 15Km de Estela, senti uma dor muito forte nos dois tendões que me impediu de prosseguir. Após ser medicada pelos peregrinos Rafael e Carla, que me encontraram à beira da estrada, ganhei uma carona do dono de um bar até Estela. Mesmo insistindo para pagar pela carona e pelos medicamentos, recusaram-se a me cobrar.

> deveria estar doente pela forma como dormia. Ao nos apresentarmos disse que também estava machucada, pois havia rolado de uma elevação dois dias antes. Maricarmen e eu decidimos tentar andar bem devagar até onde nossos corpos pudessem nos levar, mesmo com dor.
> Meu estranhamento com a situação era extremo, racionalmente eu deveria ter ficado pelo menos uns dois dias em repouso. Mas minha curiosidade sobre a peregrinação, nossas motivações me incitavam a prosseguir. O caminho tomou conta de mim para além da pesquisa.
> O dia estava bonito e de alguma forma desejávamos nos conhecer. No café em um posto de gasolina, na saída da cidade, conhecemos *las hermanas,* duas espanholas de Madri, que também estavam machucadas. Fomos andando bem devagar, até Irache, quando chegamos à adega peregrina à beira do caminho – àquelas alturas já sem vinho. Prosseguimos até Los Arcos. Andamos juntas por quatro dias conversando muito, sempre. Era a quinta vez que Maricarmen fazia o caminho, aprendi muito com ela. Com o passar dos dias outras pessoas se aproximaram e percorreram alguns trechos com a gente, Juan, Dorival além de las hermanas. Falávamos de nossas vidas, sonhos e do que nos tinha levado ao caminho. Partilhamos comida, bebida, medicamentos e shampoo. Sempre referi minha situação de pesquisadora, mas as pessoas que conheci me consideravam uma igual. A pesquisa, para eles, era um detalhe vivido com intensidade, da minha parte.
> Em Logroño, presenteei Maricarnen com minha camiseta do Caminho das Missões. Emocionada ela me ofertou a vieira que a acompanhava, há dezoito anos, e que passei a carregar pendurada na minha mochila até o final do Caminho. (Diário de Campo, Notas sobre o Caminho de Santiago).

Há uma demarcação clara para os peregrinos nas relações de reciprocidade e solidariedade. Ambas são importantes na constituição de suas identidades, sinalizando momentos e situações diversas. A solidariedade refere-se à peregrinação como forma de religiosidade em que o cuidado com o outro faz parte do exercício de internalização do *ethos* peregrino. A troca de presentes (mais rara) é relativa à consolidação de laços. Por isso, o estranhamento dos peregrinos, quando eu me propunha a pagar pelos medicamentos e cuidados. Entendi que um dos pressupostos do ser peregrino é

o *rompimento* das relações capitalistas, mesmo quando se trata de um pacote turístico como no Caminho das Missões.[14]

O caminhar e o ser peregrino podem ser pensados como "um distante próximo", "the other becomes a brother", conforme Turner (1974b, p. 186). No sentido da aproximação que a passagem propicia pelos espaços percorridos, do estar lá, de partilhar certas experiências, mas também do distanciar-se do seu cotidiano, da perspectiva de ruptura com o mundo e da comunhão consigo mesmo. A peregrinação corresponde a um estado liminar sob vários aspectos.

Na perspectiva de Turner (1974B, p. 196), a liminaridade é um estado fronteiriço, intermediário e fértil na geração de mitos, justamente por ser dúbio, pleno de significações, mas que não é perene. A categoria traduz, em termos etnográficos, as identidades peregrinas no tocante a aproximações e distanciamentos das peregrinações com o turismo (Turner, 1974), como exame de valores e relação entre o estado religioso e semirreligioso e da peregrinação como processo ritual de reversão de status. Para Oswaldo:

> Bem, ah, o Caminho foi, era um sonho que eu tinha de percorrer e era um sonho também percorrê-lo com a minha mochila e a mochila representa o símbolo, qual seja: tudo o que eu trago está nela. Então é um sinônimo de despojamento: aquilo que eu não posso carregar eu não posso levar então não é imprescindível. (Fita K7 2 A)

[14] No último dia de peregrinação no Caminho das Missões, recebi de Elísio o boné com que havia percorrido vários caminhos brasileiros e o próprio Caminho de Santiago. O presente, segundo ele, era "para não esquecê-lo ao longo dos caminhos da vida." Ao caminhar na região de Santa Maria, costumo usar o boné. A vieira com que Maricarmen me presenteou está exposta em minha casa junto a outros símbolos do Caminho de Santiago.




Figuras 9 e 10 – Caminho das Missões, maio de 2003, e Caminho de Santiago, maio 2004. Maricarmen encenando a construção medieval das igrejas pelos peregrinos.
Fotos da autora.

Um dos objetivos das peregrinações é superar os limites físicos, perceber-se sem *as correntes de ouro da vida diária,* capaz de conviver consigo mesmo e com os outros, sem falsas aparências. Esta ruptura temporária é vivenciada a partir de um lugar social privilegiado com a atribuição de significações que valorizavam a pessoalidade das relações, o autoconhecimento, a espiritualidade e a capacidade de condução da própria vida. Para Vera Theresinha:

> Bom, todo o caminho ele é muito importante porque faz a gente refletir sobre o próprio caminho da vida de cada um, então é o momento que a gente tem pra fazer esta reflexão, reavaliar a própria vida, as experiências e trabalhar um aspecto muito difícil no ser humano que é o desapego, porque permanecendo tantos dias juntos nós exercitamos o apego que é o laço que une as pessoas e nós devemos exercitar o mais difícil que é o momento da separação que é o exercício do desapego. E as pessoas são bem mais felizes, mais saudáveis, mentalmente e espiritualmente quando as pessoas exercitam e vivenciam o amor, a solidariedade, a tolerância, o respeito, a alegria e ao mesmo tempo saber se separar. (Fita K7 2 A)

O despojamento e o desapego não são obrigatoriamente características pessoais de cada um, mas um aspecto circunstancial da peregrinação e de

indivíduos que se propõem através da mesma a se distanciar de um mundo ao qual depois retornam. Para Antonio:

> A proposta turística é um lado da história, qualquer caminho tem a função de abstrair a pessoa do sistema, a pessoa sair um pouco do sistema de trabalhar, produzir, consumir e enfrentar desafios, todo mundo precisa ter desafios e aceitar esse desafio próprio é importante, né. As pessoas hoje se atiram à natureza com esportes radicais e contato com a natureza e o caminho é uma das formas principalmente para as pessoas de certa idade que não vão se pendurar em *rapel*, nós não vamos pular de pára-queda, enfim. Eu acho isso muito bom pra gente sair do sistema, arejar a cabeça (Fita K7 1B)

A peregrinação é representada como uma atividade que ocorre em um mundo dominado pela ideologia individualista em oposição às sociedades holistas tradicionais em que o indivíduo não é percebido como valor primordial. Dumond (1985, p. 50) relaciona a gênese do individualismo com o surgimento do cristianismo, como religião, pontuada por uma passagem do indivíduo fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo.

Nos Caminhos das Missões e de Santiago, percebi que os peregrinos (componentes de uma sociedade individualista) se reconhecem como valores primordiais em que a *communitas* (Turner, 1974b, p. 169) partilhada remete à negação desse individualismo. Mas, circunscreve-se à compra do pacote no Caminho das Missões, numa lógica capitalista do estabelecimento da relação homem/coisa e aos preparativos e às medidas necessárias que conduzem a Santiago de Compostela.

A experiência da projeção de uma vida simples e o reforço das relações interpessoais via despojamento se dá neste contexto. No entanto, a ideologia individualista que se constitui em cenário mesmo dessas relações não elide a possibilidade da construção de relações humanas menos permeadas pela coisificação, pois o contato propicia a união entre os peregrinos, com Deus ou consigo mesmo. Contraste importante, pela ruptura a que se propõe: a oxigenação das relações modernas entre homem e coisa, como proposta da peregrinação.

A relação com o material é vivida diversamente pelos peregrinos. Observei algumas pessoas pagarem pelo transporte das mochilas, sendo esta significada como *acessório* e *fardo.* Dalila comentou ao ver pessoas sem suas mochilas durante o difícil trajeto entre O Cebreiro e Samos: "[...] a minha cruz, eu mesma carrego." A peregrinação foi simbolizada ora como um espaço de sofrimento e ora como um espaço de prazer:

> Encontrei Rafael (que não avistava desde antes de Estela), em uma curva, 15Km após Santo Domingo de la Calzada). Caminhamos juntos naquele domingo e chegamos em Tossantos no final da tarde após percorrer cerca 40Km. Após 8 dias com os tendões machucados, finalmente meu corpo começava a se adaptar. O albergue era tudo que havia na cidade. A refeição foi oferecida pelo *hospitalero* e nós mesmos a preparamos e limpamos o albergue. Durante o jantar, nos apresentamos e Jacqueline me convidou para pegar o ônibus com ela até Burgos no dia seguinte, dizendo-me que teríamos muita chuva e frio. Na parada de ônibus também encontramos um peregrino francês a quem Jacqueline com um meio sorriso saudou: - le pèlerinage ce n'est pas le calvaire. (Diário de Campo, Notas sobre o Caminho de Santiago).

O corpo aparece amplamente significado como expressão do sofrimento e da felicidade peregrina e remete a experiências de religiosidade. As visitas às ruínas missioneiras, às igrejas e aos mosteiros na Espanha e os albergues reconstruídos, buscando nuances medievais permeados pelos discursos da autenticidade, constituem-se em passaportes para efetuar a relação entre o passado e o presente ao serem significados como lugares de memória de um passado individualmente vivenciado, conforme menciona Augé (2003).

Nas Missões, os discursos são mostrados como memória coletiva missioneira, cujo caráter principal veiculado é a mensagem cristã do vivido por índios e jesuítas e sua continuação pela peregrinação. No Caminho de Santiago, isso se dá através do apelo e reforço à fé no apóstolo Santiago e na Igreja, como instituição propiciadora do vínculo nestes espaços, mas a relação com o passado não fica tão evidenciada, porque o mesmo não é integrado expressamente, como no Caminho das Missões, em que há uma

comercialização que enfoca os atrativos da região. A questão do turismo não é vivenciada em grupos fechados, mas isoladamente a partir das motivações individuais dos peregrinos. Porém, em ambas as peregrinações, observei uma aproximação prática entre o turismo e a peregrinação, mas representações em sentido contrário, como as de Elísio nas Missões:

> As pessoas pensam que peregrino faz voto de pobreza, mas isto não é verdade, pois os peregrinos gostam de conforto em suas paradas. Os peregrinos não são turistas, mas incentivam o turismo, que passa a se desenvolver em torno da atividade de peregrinação, como em Santiago de Compostela. (Diário de campo 3).

Esta manifestação de desconformidade conduz à reflexão sobre o tipo de turismo *missioneiro* oferecido na peregrinação. São Miguel das Missões ilustra essa situação da *identificação* do peregrino com o turista. Lá fomos encaminhados a uma pousada com toalhas, roupas de cama e alojamentos separados para homens e mulheres, além dos casais do grupo ocuparem quartos separados. É neste sentido que as diferentes relações estabelecidas pelos peregrinos com a estrutura turística oferecida pelo Caminho das Missões, em suas necessidades, reclamações e elogios me autorizam a caracterizá-los como turistas. Em discordância, as colocações anteriormente mencionadas de não se reconhecerem como tal, pois há a representação da dependência da infraestrutura oferecida pelo pacote, embora todos trouxessem sacos de dormir e suas pequenas toalhas/fraldas nas mochilas.

Cohen (1992), Augé (1997) e Steil e Carneiro (2008) analisam a convergência de interesses entre os turistas e os peregrinos. No Caminho das Missões, observei a conjunção dos interesses de ambos, cuja identificação varia de acordo com a situação de movimento ou estática em que se encontram: como peregrinos. Ao andar, os peregrinos não se queixam de dores ou das dificuldades do trajeto, mas reclamam das condições dos locais de parada.

Muitos peregrinos que conheci no Caminho das Missões têm como referência de suas necessidades a estrutura que conheceram no Caminho de Santiago. Referiram-se a albergues em que pernoitavam, onde "havia de tudo abandonado pelos peregrinos que lá passavam, a fim de que pudesse ser

aproveitado por outros, da hospitalidade e camaradagem e do *menu peregrino*".[15]

Esta mitificação em torno do Caminho de Santiago o endossa como paradigma de peregrinação, na construção das identidades peregrinas acionadas. Um verdadeiro peregrino, neste sentido, deve percorrê-lo ao menos uma vez, para conquistar a *Compostelana* – certificado escrito em latim concedido ao peregrino que fizer trajeto superior a 100Km, para chegar a Santiago de Compostela. O Caminho das Missões, como proposta turística de peregrinação incorpora e explora o Caminho de Santiago como referente na sua montagem:

> Nós tomamos como ponto fundador o Caminho de Santiago de Compostela, mas é claro, gente, nós trabalhamos os aspectos históricos, místicos, culturais prá fundamentação do nosso projeto até porque existem diferenças muito grandes, até porque esta foi a maneira que nós adaptamos e ainda estamos construindo o Caminho das Missões. (Fita K7 1 A)

As Missões são trabalhadas em termos de suas atrações, que expressam o modo de ser missioneiro e a estrutura, ao contrário do Caminho de Santiago em que: "peregrino não paga para caminhar". O Caminho das Missões é oferecido como pacote, não havendo alternativas em termos de escolhas e privacidade na maior parte dos lugares por onde passamos. O Caminho das Missões (rota concebida) é a razão de ser do Caminho das Missões como agência turística, deixando de existir se a agência não o oferecer. Tal fato ocasiona uma ausência de autonomia ao peregrino e ao próprio caminho, literalmente produzido como turismo pela agência.

Apesar de não se identificarem com os turistas, observei por parte desses peregrinos uma ênfase à utilização turística dos sítios missioneiros como forma de torná-los atrativos e fomentar o desenvolvimento da região. Suas alusões salientam que as mesmas não *falam* por si só, como espaços/lugares de memória missioneira. Seus espaços deveriam ser reconcebidos e

[15] O menu peregrino comercializado no Caminho de Santiago entre 6 e 10 euros é uma refeição farta que inclui entrada, prato principal, sobremesa, vinho da região, pão e água.

mediados, por um trabalho pedagógico. Esta seria uma das condições para a manutenção do vínculo entre o passado e o presente. Para Antonio:

> Queria falar, ainda, da falta de cuidado, a gente fica imaginando um dia em que aquelas igrejas pudessem ser reconstruídas e que aquela área da praça pudesse servir de albergue, para que as pessoas pudessem viver a história e ao mesmo tempo servir de acomodação. Uma coisa integrada das pessoas estarem vivendo a história e ajudando a sua reconstrução. (Fita K7 1B).

Há o desejo de reviver a experiência missioneira através da reconstrução de alguns de seus espaços, como forma de ligação com o presente, numa etapa diversa do contato propiciado neste momento pelo turismo peregrino. Seu desejo é de integrar os dois momentos e se transportar de uma forma mais real através da reconstituição do espaço reducional.[16]

No entanto, a dimensão que a experiência de peregrinação adquire, para cada um dos peregrinos, não pode ser generalizada. Pois se, de uma maneira, há uma tendência de comemoração do passado, como ênfase de religiosidade, tal perspectiva não impede outros tipos de relações com o mesmo. As críticas e a necessidade de um "acerto de contas" com a questão indígena na atualidade, mencionadas no Caminho das Missões, são exemplos disso. A experiência de peregrinação é, sobretudo, um espaço individuado de crescimento pessoal vivido pelos peregrinos.

VOLTANDO PARA CASA

No sétimo dia de peregrinação no Caminho das Missões, trilhamos os 16Km finais[17] que nos conduziram a Santo Ângelo. Entramos na cidade,

[16] Provavelmente o referencial de Antonio para propor a reconstrução de São Miguel tenha sido a atmosfera de alguns albergues do Caminho de Santiago, como o do convento de Carrión de los Condes, por exemplo.

[17] Cheguei a Santiago de Compostela no final da tarde do dia 25 de maio de 2004, acompanhada por Alberto. No dia seguinte, fomos buscar nossas Compostelanas e assistimos à missa na catedral em que o padre mencionou o número de peregrinos de cada país e nos abençoou com o incenso do botafumero. Como reza a tradição, abracei Santiago

através de uma pequena rua, mencionada como um antigo caminho jesuítico, que nos levou à Catedral Angelopolitana. Os sinos dobraram para saudar nossa chegada e o padre nos recebeu, ressaltando em um pequeno sermão o significado do caminhar e da experiência missioneira. Cansados e emocionados, nós nos abraçamos, saudando o final daquele percurso, o privilégio de termos nos conhecido e o fato de estarmos nas Missões sob a cruz de dois braços que nos abençoava do alto da catedral.

Era um momento de celebração, que se seguiu até após o almoço, quando nos separamos. Uma profunda celebração por ter sido Peregrino das Missões, perceptível em fisionomias emocionadas. Da minha parte, uma celebração pelo aprendizado de tentar entendê-los no seu percurso pelas Missões e nas relações que estabeleceram com a região e o seu passado. Nossas vidas retomariam seus rumos enriquecidos por aquela semana de peregrinação. Cada um de nós retornava agora ao seu mundo quotidiano, mas, ao contrário de uma ruptura, é possível pensar em sua reorganização e seu fortalecimento, como demonstra a percepção de João:

> Não só este caminho como todos os outros que eu já fiz, eu acho que eles têm assim muita importância tanto pelo lado físico que é o próprio caminhar que é uma coisa que faz bem pra saúde, que ativa a tua, a coisa toda e também no lado espiritual, no sentido de uma busca de uma paz interior de renovação durante o caminho e, além disso, eu acho que é um momento para se fazer novos amigos. Além disso, como foi o caso de duas pessoas neste grupo que eu já havia feito caminhadas antes e fazia um bom tempo que eu não via. Uma bela oportunidade para esse reencontro, porque os caminhos são feitos assim, os caminhos são feitos de encontros e eu acho que a coisa melhor do caminho são os reencontros. (Fita K7 2 A).

A fala expressa uma solução de continuidade e o significado que cada caminho adquire na vida dos peregrinos. Como se os caminhos e os reencontros fossem interrompidos pelo quotidiano de cada um, numa representação

e entrei na catedral pela porta do perdão. Retornei a Paris de trem, no dia 28 de maio de 2004.

de inversão em que a pausa é dada pelo não caminhar e em que o caminho passa também a ser vivido pelas marcas que deixa, pelas lembranças e pelos laços que produz.



Figura 11 – Santiago de Compostela, em maio de 2004
Fotos da autora.

O caminho não termina com a conclusão do trajeto. Muitas vezes ele se estende como um compromisso de divulgação das experiências que vivenciou, como peregrino, através de seus escritos, o que conduz à criação de uma rede que vai além dos encontros propiciados nos caminhos e dos congressos de peregrinos, estendendo-se ao seu cotidiano pela internet e prolongando o convívio anteriormente iniciado. Esta é uma das facetas da sua circulação transnacional e demonstra que os peregrinos se identificam, reconhecem e mantém seus laços para além do espaço dos caminhos, através das trocas de impressões e percepções.

A história do caminho se mescla à história de vida de cada peregrino, sendo por ele ressignificada. As visões do passado das Missões se somam à visão de outros passados acionados através de outros caminhos na construção do peregrino como pessoa, de sua energização, de seu autoconhecimento e das peregrinações como atividade de múltiplos contatos. Em que a relação preponderante percebida com o passado no presente é o produto das interações individuais, que conduzem ao reforço das identidades dos peregrinos, como grupo, impulsionado, por exemplo, pelo *missioneiro* como atrativo explorado pelo Caminho das Missões, na dialética com o seu referente por excelência – o Caminho de Santiago.

E..., o modo de ser missioneiro, expresso como atrativo turístico no Caminho das Missões, e vivido pelos peregrinos, é, muitas vezes, perpassado nas suas representações pelo Caminho de Santiago, como paradigma transnacional da religiosidade peregrina, em caminhos que se entrecruzam e laços peregrinos que se reforçam a cada novo caminho:

> Cerca de 45 dias após retornar do Caminho das Missões, recebi um e-mail de Oswaldo, convidando para percorrê-lo novamente, desta vez através da visita ao site www.caminhodesantiago.com.br onde encontrei, além de inúmeros outros escritos seus e demais peregrinos um relato minucioso denominado Caminho das Missões em 7 etapas.
> Após retornar do Caminho de Santiago, recebi e troquei e-mails emocionados com Jacqueline, Maricarmen e Alberto, prolongando também esta peregrinação. Reencontrei Maricarmen em Madrid, em março de 2007.
> Em 2006, em Santa Maria-RS, reencontrei Dalida (que conheci durante o Caminho de Santiago na travessia do Cebrero), Vera Terezinha e Carmen (que peregrinaram no Caminho das Missões). Freqüentemente, caminhamos juntas nos finais de semana, na região central do estado e fazemos parte de um grupo de caminhadas denominado Associação de Amigos do Caminho de Santiago de Santa Maria. (Diário de Campo)

Laços sociais, em instauração, que perpassam experiências de amizade e expressam desejos de conhecimento, alteridade e reconhecimento em encontros e desencontros nos Caminhos. Os lugares de memória do passado, tornados patrimônio, são muitas vezes significados como santuário pelos peregrinos (Steil; Carneiro, 2008), tais como os sítios arqueológicos missioneiros e a Catedral de Santiago de Compostela. Configuram-se em territórios simbolizados para além do passado, que expressam, e da política patrimonial, que os erigiu como monumento. É a partir do presente de cada peregrino que esses espaços adquirem sentido, tornando-se parte de sua história de vida. Lembranças do vivido, expressas em narrativas plurais, partilhadas a cada novo encontro.

As caminhadas e festas de confraternização da Associação de Amigos do Caminho de Santiago de Santa Maria (AACSSM) constituem-se em momentos privilegiados de encontro e rememoração do vivido nas peregrinações:

> Costumamos caminhar nos finais de semana e nos feriados, perto de Santa Maria, ou em roteiros mais distantes, previamente apresentados por pessoas do grupo que concebem trilhas ou estradas de cerca de 20Km/dia. O clima não importa muito, nem o grau de dificuldade do trajeto. A alegria é contagiante, rimos muito, além de andar! Fazemos uma parada para o lanche em torno do meio-dia, sempre tomamos vinho tinto em taças de estanho. Há um acordo para ver quem transporta as garrafas. Não dividimos seu preço entre os participantes, pois é sempre um presente de um dos peregrinos para o grupo. Referências ao vinho de *la Rioja* são constantes.
> Após o lanche, costumamos cantar (músicas gaúchas sempre são solicitadas). O clima é de relaxamento total. Alguns tiram uma rápida *siesta* antes de iniciarmos o trajeto da tarde.
> Caminhamos em grupos, cada um no seu ritmo. Há um profundo respeito pela necessidade de isolamento e por silêncio (quando é necessário estar só, basta se afastar um pouco).
> Banheiros são raridades nos trajetos. Por isso, já nos acostumamos a fazer xixi no mato e pular cercas em busca de lugares aprazíveis para as paradas ou desviar o trajeto para um banho de rio.
> Alusões ao menu peregrino são freqüentes, bem como perguntas sobre o Caminho de Santiago por aqueles que estão se preparando para "fazer o caminho". Uma das camisetas da AACSSM tem a seta amarela. Na primeira caminhada que fiz com o grupo, muitas pessoas me perguntaram sobre esta semelhança. Raras vezes o Caminho das Missões foi mencionado. As ligações com o catolicismo são pouco externadas, mas algumas vezes pernoitamos em conventos e utilizamos salões de igreja para nossas paradas.
> Embora a espontaneidade impere, as relações em nossos encontros são comicamente ritualizadas, numa intencionalidade de hierarquização presidida pela diretoria da AASCSM. Para cada peregrino que vai fazer o Caminho de Santiago, é organizada uma caminhada de bota fora e, em seu retorno, uma de bota dentro. Há peregrinos que já fizeram várias vezes o Caminho de Santiago, o Caminho Inca e vários caminhos brasileiros, que se somam às caminhadas

> semanais da AASCSM. Nossas fotos são disponibilizadas em um blog e as informações sobre cada caminhada previamente partilhadas por e-mail.
> O grupo é aberto, a participação se dá por convites informais e abrange uma rede que inclui caminhantes e simpatizantes de outras cidades e estados que, por vezes, apenas participam das festas (jantas mensais). (Diário de Campo. Notas sobre AACSSM, 2008).

A breve descrição sobre minha participação nas caminhadas da AACSSM encerra o percurso etnográfico que apresentei ao longo deste texto, cujo objetivo foi abordar as peregrinações pelo Caminho das Missões e pelo Caminho de Santiago, numa perspectiva comparada, a fim de perceber seu substrato, o processo social em que se constituem (Turner, 1974b).

O que aflora deste percurso etnográfico, para além das convergências e divergências já assinaladas, em termos de motivações, interesses, peculiaridades dos trajetos é a circulação de pessoas, ideias, símbolos e comportamentos em suas influências recíprocas. A existência de vários caminhos brasileiros inspirados no Caminho de Santiago, conforme referiu Elísio, no Caminho das Missões, em 2003 (vide nota 6), o número significativo de Associações de Amigos do Caminho de Santiago, espalhadas pelo mundo, setas amarelas, cruzes de dois braços, embasam meu argumento.

É este desejo *espontâneo* moderno de peregrinar e circular, que leva os peregrinos das Missões a Santiago de Compostela (e vice-versa) e os incita a seguir caminhando nos finais de semana, a trocar e-mails, fotos e escritos na internet, estabelecendo redes nacionais e internacionais, perpetuando e renovando laços sociais instaurados nas peregrinações.

Em termos dos efeitos provocados pelas circulações transnacionais, lembrando Hannerz (1999), cabe assinalar, que embora a peregrinação moderna seja significada pelos peregrinos como multicultural, percebo um duplo movimento (aparentemente antagônico) de valorização do cosmopolitismo e do local. Caracterizado pela capacidade de ir e vir, de se desligar do seu mundo e interagir com o outro, bem como do ser peregrino na vivência do seu *ethos* como o porto seguro do deslocamento, engendrando o fortalecimento das identidades dos peregrinos como grupo. Este duplo

movimento de *alteridade* e fortalecimento de identidades é o saldo que percebo dessas circulações dos peregrinos.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *El viaje imposible:* el turismo y sus imagines. Barcelona: Gedisa. Col. Antropologia/Etnografia. Série Cladema, 1997

____*Le Temps en Ruines*. Paris, Galilée, 2003.

BRUM, Ceres Karam. *Esta terra tem dono:* representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul. Santa Maria, UFSM, 2006.

CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé. Brasileiros no caminho de Santiago*. São Paulo: CNPq/Pronex: Attar, 2007.

COHEN, Erik. Pilgrimage and tourism: convergence and divergence. *In:* MORINIS, Alain (org.) *Sacred jorneys:* the anthropology of pilgrimage. Pittsburg University, p. 47-61, 1992.

DUMOND, Louis. *O individualismo:* uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

GIRARD, Pascale. *Les religieux occidentaux en Chine à l'époque moderne:* essai d'analyse textuelle comparée. Paris/Lisbonne: Centre Culturelle Calouste Gulbenkian, 2000.

GUIA do Peregrino do Caminho das Missões: Santo Ângelo, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Écrits Politiques*. Paris: Flamarion/Champs, p. 237, 1990.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *In: MANA* n. 3. vol. 1, p. 7-39, 1997.

_____. Locais e cosmopolitas. FEATHERSTONE, Mike (org.) *In: Cultura global.* Petrópolis: Vozes, p. 251-266, 1990.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia.* São Paulo, EDUSP, 1974. [v.s 1 e 2].

MELIÁ, Bartomeu. Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial. *Estudios Paraguayos.* Asunción, n. 6. vol. 1, p. 187-227, 1978.

NUNES, Zeno Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

QUEVEDO, Julio. *Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata.* São Paulo: EDUSC, 2000.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. The comparative Method in Social Anthropology. *Journal of the Royal Anthropology Institute,* London, p. 43-58, 1951.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire et l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

ROBIN, Régine. *La mémoire saturée*. Paris: Stock, 2003.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade,* Rio de Janeiro. v. 28, n. 1, July 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo Acesso em 2 de jan. 2009.

TORO, Suso de; LOBATO, Xurxo. *La flecha amarilla:* el camino haci San Tiago. Madrid: Edicciones el Pias, 1999.

TURNER, Victor. *O processo ritual:* estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Dramas, fields and metaphors.* Ithaca: Cornel University Press, 1974b.